



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião da cerimônia de abertura da reunião do Conselho da Organização Internacional do Café

Cartagena das Índias - Colômbia, 16 de setembro de 2003

Senhor Presidente,

Foi com muita honra que aceitei o convite do presidente Uribe Vélez para participar, aqui em Cartagena das Índias, das celebrações dos 40 anos de fundação da Organização Internacional do Café.

O Brasil, juntamente com a Colômbia e outros países produtores de café aqui representados, estiveram presentes no nascimento desta Organização destinada a valorizar um produto que se confunde com a própria história e cultura de nossos países.

Nós, brasileiros, apreciamos o café por seu aroma e paladar e pelos hábitos e costumes que marcam nosso dia-a-dia e que ajudaram a forjar a nossa identidade nacional.

Apreciamos o café, sobretudo, por outra razão. Mais do que qualquer outro produto, o café foi um divisor de águas na trajetória econômica do Brasil. A riqueza do café trouxe investimentos que construíram o Brasil moderno.

A partir de meados do século XIX, as plantações e os braços que nelas trabalhavam se multiplicaram em solo brasileiro. A cafeicultura se transformou na principal atividade agrícola e passou a responder por mais da metade da renda das exportações.

Ao contrário de outros produtos que, em diferentes épocas, trouxeram riqueza efêmera, o café construiu as estradas de ferro, ampliou os portos e gerou a prosperidade, que são a base do crescimento econômico que o país conheceu durante décadas. Foi a produção e a exportação do café que



permitiram a um país como o Brasil, pobre e atrasado, trilhar o caminho da industrialização e do progresso.

Esta é a história, também, de muitos países aqui presentes. Por isso a OIC é tão importante, uma organização que valoriza, a um preço internacional justo, o trabalho e o investimento de nossa gente.

Senhor Presidente,

No momento em que a OIC completa 40 anos, há muitas realizações passadas a celebrar. Mas devemos também lembrar o desafio que representam as profundas transformações na economia internacional das últimas quatro décadas. Nesse período, os produtos de base perderam o valor que tiveram no passado, com a deterioração nos termos de intercâmbio. Para o presente e o futuro fica o desafio de revalorização do nosso produto que, para muitos, é uma fonte crucial e insubstituível de divisas.

Diante dos preços aviltados para o café nos mercados internacionais, a OIC e os produtores e consumidores precisam, mais do que nunca, cooperar para encontrar soluções duradouras e, sobretudo, justas. Soluções que remunerem, de forma eqüitativa, todos aqueles que, com seu engenho e suor, ajudam a transformar a terra virgem na bebida mais popular no mundo.

É inaceitável que hoje apenas um lado esteja ganhando: a indústria torrefadora nos países desenvolvidos, as butiques de café, sem falar nos países que impõem elevados tributos internos ao café processado. Enfim, os intermediários na colocação do café nos mercados consumidores.

Precisamos evitar que a drástica redução dos preços desencadeie um círculo vicioso em que todos perdem, causando o empobrecimento irreversível dos produtores de café, a queda da qualidade, o abandono das lavouras, o crescimento da marginalidade, a instabilidade no campo.

E também os consumidores finais, pois os preços baixos pagos ao produtor não impedem que continuem pagando um preço muito elevado pela sua xícara de café.



Nós, países produtores, temos assistido quase que impotentes ao desenrolar dessa crise.

Estamos nos empenhando, na OIC, para implementar um programa para melhorar a qualidade do produto oferecido ao consumidor final. O Brasil está fortemente engajado nessa estratégia, pois, ainda hoje, o café continua sendo muito mais do que um gerador de exportações e de divisas.

O Brasil se diversificou e incorporou grande número de novos bens à pauta de exportação, mas o café ainda é vital para a sobrevivência de milhões de famílias brasileiras. Para uma grande parcela da nossa população, é o café que lhe dá força para trabalhar no dia-a-dia.

Os cafezais se espalham por cerca de 300 mil propriedades rurais, empregam mais de 3 milhões de agricultores e geram outros 5 milhões de empregos indiretos. É, portanto, um setor estratégico da economia brasileira.

Junto com as lideranças políticas, produtivas e trabalhadoras, o governo brasileiro tem se empenhado em formular políticas para viabilizar economicamente os produtores e suas famílias.

A marca da política cafeeira de minha administração tem sido a busca da melhoria na remuneração da produção e nas condições de vida dos trabalhadores da cafeicultura, e da redução das desigualdades. É assim que vamos aumentar as vendas e os preços. Em parceria com o setor privado, o governo brasileiro está fazendo a sua parte. Estamos estabelecendo uma política permanente de incentivo ao consumo doméstico e buscando melhorar a qualidade do produto. Mas, como exigir do produtor qualidade, quando sua renda cai a olhos vistos?

Senhor Presidente,

Como já aprendemos no Brasil, não há fórmulas mágicas para resolver os graves problemas da cafeicultura. Uma resposta duradoura, que garanta os interesses estratégicos de nossos países, está num esforço redobrado para conquistar e ampliar mercados. A verdade é que os mercados internacionais



estão inundados por um excedente do produto. Pior, a demanda está praticamente estagnada, sem perspectiva de melhora, se não tomarmos medidas consistentes. A OIC continuará a ter um papel primordial nesse esforço. Há, no entanto, outros canais de ação coordenada a explorar. Para o Brasil, as negociações em curso na Organização Mundial do Comércio terão papel decisivo na abertura e na expansão dos mercados.

O café, como os demais produtos de base, sofre as conseqüências da agressiva política protecionista dos países importadores. Resolver o problema do café é exigir uma verdadeira liberalização do comércio. É obter o compromisso dos países importadores de reduzir as altas tarifas que criam obstáculos formidáveis à agregação de valor ao café que exportamos. Nesse sentido, apelamos aos países importadores para que reduzam a zero as tarifas sobre o café processado e, assim, apóiem a industrialização dos países produtores.

O Brasil e outros países produtores como Colômbia, Costa Rica, Cuba, Guatemala, Índia, México, Peru, Venezuela e Tailândia apresentaram proposta construtiva e realista para as negociações agrícolas na OMC como uma contribuição para a eliminação do protecionismo, que limita seriamente nosso desenvolvimento sustentável. Esperamos, do lado dos importadores, resposta igualmente construtiva e realista.

Para o Brasil, o balanço desses 40 anos de existência da OIC é positivo. Muito se realizou e os frutos gerados fizeram as lavouras e o consumo se expandirem.

Mas temos pela frente árduas tarefas. Precisamos buscar recuperar, a níveis minimamente remunerativos, a rentabilidade do setor produtor. Precisamos abrir novas perspectivas pelo aumento do consumo doméstico e pela conquista de novos mercados. Precisamos também convencer nossos parceiros no mundo desenvolvido a dismantelar suas barreiras ao nosso café processado.



Por meio do diálogo e da persuasão, estou seguro de que os membros da OIC saberão encontrar as soluções inovadoras para vencer a presente crise de forma duradoura e em benefício de todos os produtores. Acima de tudo, tenho a convicção de que a OIC sairá fortalecida e o café voltará a ser instrumento para a realização das aspirações de muitos países, de trilhar a estrada do crescimento e da prosperidade. Pode ficar certo de que o governo brasileiro estará empenhado nesta pauta.

É importante lembrar a proposta inicial, feita no fim do seu discurso, pelo senhor Nestor Osório: é importante que todos os produtores de café tenham clareza que nós não iremos resolver o problema do café achando que os governos dos países produtores podem, a cada crise, financiar a produção.

Nós já detectamos onde é que está o problema e ele está nas tarifas cobradas pelos países importadores. O nosso problema está nos torrefadores e está em meia dúzia de empresas que tratam da exportação.

Portanto, se nós sabemos o que avilta o preço e quem diminui o ganho dos produtores e dos trabalhadores, a proposta da construção de uma câmara setorial, em que o presidente Álvaro Uribe, eu e outros poderemos estar presentes, é para fazer uma discussão, com muita profundidade, para que o preço do café seja determinado de forma justa, em que possa ganhar um pouco o torrefador, possa ganhar um pouco o exportador, possa ganhar um pouco o consumidor e possa ganhar a parte que efetivamente produz café no mundo, que são os produtores e os trabalhadores.

Muito obrigado.